

 TCC/UNICAMP
J950m
2373 FEF/912

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

"MOTRICIDADE HUMANA"

de

Manuel Sérgio

e a

"PEDAGOGIA DAS CONDUTAS MOTRIZES"

de

Pierre Parlebás

UMA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA

Guanis Junior
Mat. 780375



Pela força e apoio que me deram dedi-
co este trabalho a:

André Luís Corpa

e

Ana Stockler Barros

"Qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum - para si mesmo ou para os outros - abandoná-lo quando assim ordena o seu coração... Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta:

Possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma".

(Carlos Castañeda - Os Ensinos de Dom Juan)

ÍNDICE

Capítulo I: A CRISE.....	01
Capítulo II: UMA POSSÍVEL SAÍDA?.....	04
Capítulo III: NOSSO DRAMA: O QUE SOMOS E PORQUE SOMOS....	06
Capítulo IV: UMA QUESTÃO SEMÂNTICA: UMA DISCUSSÃO EPIS <u>T</u> MOLÓGICA OU METODOLÓGICA?!.....	11
Capítulo V: UMA CONCLUSÃO INCONCLUSIVA.....	14
Bibliografia.....	15

CAPÍTULO I - A CRISE

Pierre Parlebás situa a Educação Física atual, dentro de um quadro de crises que são observadas a nível das técnicas, dos campos de atuação e o da formação. Tais crises são detectadas pela orientação tecnicista e pela noção de "movimento" que impediriam a Educação Física de progredir. É fundamental que entendamos este quadro de crise no qual a Educação Física vive, como o substrato essencial para a evolução da mesma. Não fosse a constatação deste estado de crise seria muito pouco provável que estivéssemos vivendo hoje este momento de rediscussão tão amplo que permeia a Educação Física.

O objetivo deste trabalho é fazermos uma desconstrução do texto "Perspectivas para uma Educação Física Moderna" de Pierre Parlebás. Uma análise da valia da Pedagogia das Ações Motrizes e de como tentar evitar o colapso da Educação Física. Para tal usaremos como contra-ponto a Ciência da Motricidade Humana de Manuel Sérgio e seus Pressupostos Epistemológicos (se é que estes existem).

A crise da Educação Física se apresenta em três planos, o técnico, o das atividades físicas (trabalho, lazer, desporto) e o científico.

No técnico ocorre um assustador aumento do número de métodos e práticas, onde a Educação Física perde toda sua unidade. Aqui seria interessante questionarmos a própria existência de uma unidade da Educação Física. Ou seja, em algum mo-

mento histórico existiu um todo (tanto a nível técnico, como nos de interação e científico) que pudesse ter garantido à Educação Física um sistema auto-gestante? Sabemos que não. A Educação Física só se consolidou como aglomeração de áreas estanques que até poderiam se desenvolver muito bem, independente de estarem sendo (enquanto soma das partes) denominadas "Educação Física".

Nos campos de intervenção, Pierre Parlebás considera vários setores bem definidos: A educação e a escola, o esporte competitivo e o recreacionista, e a Educação Física Especial (para excepcionais e a "Reeducação"). Segundo o autor, estes setores muitas vezes entram em conflito institucional e assim a Educação Física acabaria por ficar mais retalhada.

No plano da formação o autor questiona "como pode o estudante captar uma unidade, onde seus professores não percebem mais que heterogeneidade"? Aqui, outra questão fundamental se estabelece: Seria a "busca da unidade" a grande bandeira da ciência?! Que conforto é este que buscamos? Como ordenar o inordenável? Porque achamos que o homogêneo é bom e o heterogêneo nem tão bom assim? O fascínio da busca, do conhecimento, se estabelece pela incerteza, pela heterogeneidade. Parlebás pressupõe uma unidade (e seu desmantelamento) para delinear a crise da Educação Física. Ora, a crise na Educação Física só se passa a existir a partir do momento que tentamos estabelecer coerência entre as peças de diferentes quebra-cabeças, uma vez que unidade de fato nunca existiu.

No campo da investigação o autor cita trabalhos "muito interessantes" mas que estão na área de outras "Disciplinas Exteriores" à Educação Física. A partir desta crise a

Educação Física passa a existir de fato, é a crise atual que dará à mesma "um sentido fundamental".

CAPÍTULO II: UMA POSSÍVEL SAÍDA?

No Século XIX Demeny já centrava a Educação Física no movimento, paradigma este que se mantém até nossos dias. Segundo Parlebás seria fundamental que a Educação Física centrasse sua atenção no "ser que se move", e assim realizar uma radical mudança do paradigma adotado. Para ele o objeto de estudo da Educação Física é a conduta motriz; e assim a Educação Física seria uma "pedagogia das condutas motrizes". Ora, eleger a "conduta motriz" como o novo objeto de estudo da Educação Física não garante independência e não-superposição com outras disciplinas. Não obstante a superposição de áreas é absolutamente aceitável, como podemos observar entre a Psicologia e a Medicina (Psiquiatria), entre a Física e a Química, etc. Manuel Sérgio aborda com clareza esta posição "pedagogista" da Educação Física: "...A Educação motora não compreenderá verdadeiramente os seus objetivos, se não invocar para si um fundamento científico que não pode quedar-se pela pedagogia, pois a inteligibilidade do comportamento motor enraíza-se numa teorização epistemológica onde o objeto teórico-disciplinar excede claramente o acto educativo. A educação motora é, de facto, educação. Só que ela não é um ponto de partida, mas um resultado - o resultado das prodigiosas conquistas da educação contemporânea e de uma nova problemática donde ressalta o lugar da cultura na natureza e da natureza na cultura e ainda a praxidade humana". (M. Sérgio in "Para Uma Epistemologia da Motrocidade Humana", pág. 146).

Façamos agora uma discussão a respeito do termo "ação motriz". A palavra "ação" é originária do latim "actio", "actionis", que significa obra, operação, movimento. Aristóteles foi o primeiro que procurou dar ao termo "ação" um significado referente somente às operações humanas. "Motriz" vem do "motus" latino, ou seja, aquele ou aquilo que se move. Assim, podemos constatar que o termo "ação motriz" é sinônimo do termo "movimento humano", pelo menos do ponto de vista etimológico. O que Parlebás propõe é apenas uma mudança de coordenadas a serem adotadas para estudar o movimento humano (ou ação motriz), tal como na Física, onde podemos escolher coordenadas cartesianas ou polares para estudar o mesmo movimento. Aqui, de alguma maneira sobrevive um cartesianismo disfarçado. Talvez a unidade da Educação Física passe a existir a partir da pluralidade e heterogeneidade que hoje a compõe. Existiria ciência mais heterogênea e fragmentada que a Física ou a Medicina na atualidade? Nem uma nem outra perdem sua "unidade" epistemológica apesar da super-especialização que as permeou nas últimas décadas. A Educação Física pode estar perdendo tempo ao querer remar contra a corrente da interdisciplinariedade, da unidade na totalidade do conhecimento humano, ao querer se enclausurar neste resquício do pior cartesianismo. Esta é a luta que devemos enfrentar. Como? É isto que abordaremos na sequência deste trabalho.

CAPÍTULO III - NOSSO DRAMA: O QUE SOMOS E PORQUE SOMOS?

Logo de início entendemos ser de suma importância analisarmos como o conceito de "corpo" foi se alterando ao longo da história do pensamento humano. Muito sucintamente vejamos: "A mais antiga e difusa concepção de corpo é a que o considera instrumento da alma. Ora, todo instrumento pode ser ou positivamente apreciado pela função que cumpre e daí exaltado; ou criticado porque não responde bem ao seu objetivo" (in Dicionário de Filosofia - N. Abbagnano). Na Escolástica fica nítida a instrumentalização do corpo, onde no estado de queda (devido ao pecado) a alma tem necessidade do corpo e lhe é indispensável valer-se de seus serviços. Mas a mais completa e típica formulação da doutrina da instrumentalidade é a de Aristóteles para quem o corpo é "um certo instrumento natural" da alma assim como o machado o é do cortar". O materialismo, como não implica necessariamente na negação da substancialidade da alma, assim também não implica sequer a negação da instrumentalidade do corpo; mesmo se a alma é corpórea o corpo pode ter em relação à ela, uma função instrumental. Assim julgava Epicuro, que atribuía ao corpo a função de preparar a alma para ser causa da sensação; e assim julgavam os Estóicos para os quais a alma é o que domina ou utiliza o organismo corpóreo. No materialismo de Hobbes nada muda: "O espírito não é senão um movimento em certas partes do corpo orgânico". Para os Neoplatônicos o corpo continua sendo instrumento, Plotino afirma: "Se a alma é substância, ela será uma forma separada do corpo, ou

seja, aquilo que se serve do corpo".

Da filosofia medieval tomemos o que diz São Tomás: "O fim próximo do corpo humano é a alma racional e as operações desta. Mas a matéria existe em vista das formas e os instrumentos existem em vista das ações do agente". Santo Agostinho foi o único pensador medieval a não instrumentalizar o corpo na medida que se utiliza do conceito de corporiedade.

Corporiedade, segundo a tradição agostiniana da Escolástica é aquela realidade que o corpo tem enquanto corpo orgânico, independentemente da sua união com a alma e que o predispõe a tal união. Se opõe ao aristotelismo para o qual o corpo, como matéria, é potência e portanto não tem substancialidade ou forma.

Foi só com Descartes que ocorreu o abandono do conceito de instrumentalidade do corpo. Crê-se comumente que a separação instituída por Descartes entre alma e corpo, tenha tido como consequência o estabelecer a independência da alma em relação ao corpo. Nada mais enganoso, o que o dualismo cartesiano garantiu foi a independência do corpo em relação a alma.

É evidente que do ponto de vista filosófico o dualismo cartesiano tinha a desvantagem de dar lugar a um problema que era desconhecido pela concepção clássica do corpo como instrumento: o problema da relação entre corpo e alma. Como e porque duas substâncias independentes se combinam para formar o homem? E como o homem enquanto fruto de duas "entidades" tão distintas pode compor uma unidade? Capricho dos Deuses? ou pretensão demasiadamente humana, como diria Nietzsche. Esta questão é fundamental e a filosofia moderna e contemporânea elaborou quatro soluções desse problema. Vejamos mais deta-

lhadamente: a primeira delas consiste em negar a diversidade das substâncias e em reduzir a substância corpórea à substância espiritual. Foi o que propôs Leibniz que concebeu o corpo vivo como um conjunto de mônodas, isto é, de substâncias espirituais, ou seja, "o corpo é um agregado de substâncias e não é, ele próprio, uma substância". Aqui é interessante ressaltar que Leibniz substancializa o corpo, porém, continua a entendê-lo sob uma ótica reducionista e cartesiana. Bergson e Schopenhauer não se distanciaram do pensamento de Leibniz. Para Schopenhauer o corpo é vontade de representação: "o que eu chamo de meu corpo como representação intuitiva, chamo de minha vontade enquanto estou ciente dela " ou "o meu corpo é a objetividade da minha vontade."

Bergson, por sua vez, retomando parcialmente a velha tese, afirma que "o nosso corpo é um instrumento de ação e somente de ação". Para ele o corpo não contribui diretamente para a representação e em geral para a vida da consciência, só serve para selecionar imagens em vista da ação, isto é, para tornar possível a percepção que consiste precisamente em tal seleção. Para Bergson a consciência, que é memória, é independente dele (o corpo), e pensado assim ele acaba por negar toda realidade própria do corpo.

A segunda solução para a questão anteriormente colocada é aquela que considera o corpo um sinal da alma. Tal concepção é bastante aceita durante o Romantismo. Hegel por exemplo diz: " A alma na sua corporalidade, inteiramente formada e tornada sua, acha-se como sujeito singular e a corporalidade é desse modo a exterioridade enquanto predicado, tal abordagem essa "exterioridade não representa a si mesma, mas a alma; e é o sinal desta". De uma certa maneira podemos encontrar

tal forma de entender o corpo em todas as doutrinas que vêem o mesmo como um complexo de fenômenos expressivos.

A terceira solução "consiste em negar a diferença das substâncias, mas não a entre alma e corpo, considerando o corpo e a alma como duas manifestações diferentes de uma mesma substância." E o que disse Espinosa ao considerar corpo e alma modos (ou manifestações) dos dois atributos fundamentais da única substância divina, o pensamento e a extensão. Essa doutrina naturalmente implica que a ordem e a conexão dos fenômenos corpóreos correspondam perfeitamente à ordem e à conexão dos fenômenos mentais e que portanto se possa, reconstruindo a ordem e a conexão dos primeiros, conhecer a ordem e a conexão dos segundos. Foi esta maneira de entender a questão corpo-alma que serviu de base filosófica e epistemológica para a formação da psicologia científica moderna.

Finalmente, a quarta solução para nossa questão é aquela que considera o corpo como uma forma de experiência ou como modo de ser vindo, que tenha todavia um caráter específico ao lado de outras experiências ou modo de ser. Aqui o corpo não é reduzido ao espírito (o que acontece nas soluções anteriores); estamos diante da fenomenologia de Husserl, segundo o qual "o corpo é a experiência que se isola ou se individualiza depois de sucessivos atos de redução fenomenológica". Ainda com as palavras de Husserl: "Na esfera do que me pertence, o que chamamos natureza pura e simples não possui mais o caráter de ser objetivo e portanto não deve ser confundido com um estrado abstraído do próprio mundo ou do seu significado imanente. Entre os corpos dessa natureza, reduzida a "o que me pertence", eu encontro o meu próprio corpo que se distingue de todos os outros por uma particularidade única: é o único corpo

que não é somente um corpo, mas o meu corpo; é o único no interior do estrado abstraído, retalhado por mim no mundo ao qual, conforme à experiência, eu coordeno, de modos diferentes; é o único corpo de que disponho de forma imediata...". Podemos observar que aqui o corpo é pura experiência - vivo, ligado a possibilidades humanas bem determinadas.

Sartre não se distancia muito desta concepção na medida que entende o corpo como "experiência do que é ultrapassado e passado" Para ele: "em cada projeto da consciência, em cada percepção, o corpo está lá: ele é o passado imediato enquanto aflora ainda no presente que lhe foge. Isto significa que ele é, ao mesmo tempo, ponto de vista e ponto de partida que eu sou e que ao mesmo tempo ultrapasso na direção do que devo ser".

Merleau-Ponty iluminou este ponto de vista considerando que o corpo não é um objeto, em suas palavras: "que se trata do corpo de outrem, ou que se trate do meu, não tenho outro modo de conhecer o corpo humano senão o de vivê-lo, isto é, se assumir por minha conta o drama que me atravessa e confundir-me com ele".

Agora que já discutimos, mesmo que superficialmente, as concepções acerca do corpo ao longo dos tempos, podemos discutir a partir daqui o nosso drama: o que somos e porque somos? Como a "Pedagogia das Condutas Motrizes" de Pierre Parlebás situa a Educação Física neste emaranhado de definições e abordagens? E a "Motricidade Humana" de Manuel Sérgio será de fato uma ciência? Terá ela uma rede "epistemológica" que a sustente enquanto ciência?

CAPÍTULO IV: UMA QUESTÃO SEMÂNTICA: UMA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA OU METODOLÓGICA?

Aqui entendemos ser de fundamental importância tentarmos esclarecer (mesmo que brevemente) o que é Epistemologia e o que é Metodologia, para que assim possamos deixar claro porque entendemos que a epistemologia engloba a metodologia. Como sabemos a epistemologia não é uma disciplina filosófica geral, como a lógica ou a ética, mas sim o tratamento de um problema que nasce de um pressuposto filosófico específico, isto é, no âmbito de uma determinada diretriz filosófica. Tal tratamento é o tema específico da epistemologia. A epistemologia apoia-se em dois pressupostos: primeiro que o conhecimento seja uma "categoria" do espírito, uma "forma" das atividades humanas ou do "sujeito", que possa ser indagada no universal e em abstrato, isto é, prescindindo dos processos cognitivos particulares de que o homem dispõe fora e dentro da ciência, segundo, que o objeto imediato do conhecer seja somente a idéia ou a representação; e que a idéia seja uma entidade mental, ou seja, exista apenas dentro da consciência ou do sujeito que a pessoa. Trata-se, portanto de ver se a essa idéia corresponde uma coisa qualquer, ou entidade "externa", isto é, existente "fora" da consciência. Os analistas contemporâneos rejeitam também o primeiro pressuposto da epistemologia que afirma que o conhecimento seja uma forma ou categoria universal que possa ser indagada como tal: eles assumem como objeto de indagação os processos ou a linguagem científica e já não mais o conhecimento

em geral. Os apologistas da Metodologia entendem que (com a análise das condições e dos limites de validade dos processos de investigação e dos instrumentos linguísticos do saber científico) conseguem superar a epistemologia. Nada mais enganoso, uma vez que a epistemologia "enquanto tratamento de um problema que nasce de um pressuposto filosófico específico" faz também a análise das condições e dos limites de validade dos processos de investigação. Isto parece suficiente para mostrar que a Metodologia está contida na Epistemologia.

Passemos agora à discussão epistemológica entre a Pedagogia das Condutas Motrizes de Pierre Parlebás e a Motricidade Humana de Manuel Sérgio. Creio ser importante repetir que a crise na Educação Física não significa a Decadência da Educação Física, Pierre Parlebás parece confundir estes dois termos (crise e decadência). A crise é fundamental, ou melhor, é vital para a superação dos problemas que a Educação Física encontra; ao passo que a decadência é apenas o estado de inoperância diante da crise. Parlebás ao eleger o conceito de conduta motriz como denominador comum de todas as atividades físicas e desportivas; em suas palavras: "o conceito de conduta motriz é unitário e permite reunir em um todo inteligível o conjunto das práticas corporais sejam quais forem..". Façamos um paralelo com a Física: sabemos que a matéria é formada de protons, neutrons, leptons, quarks, eletrons, etc e no arranjo destas partículas fundamentais conseguimos (dentro de limitações que toda ciência tem) entender o nosso universo. O que queremos dizer é que com apenas um conceito (o de conduta motriz) Parlebás tenta entender o universo que é o Homem em Movimento. O autor ao pensar assim aplica o mais puro atomismo Epicurista

à Educação Física. Ainda utilizando o paralelo com a Física, a Motricidade Humana de Manuel Sérgio avança muito mais, na medida que busca compreender a Educação Física enquanto interação dinâmica de vários aspectos (físicos, psíquicos, sociais, políticos, afetivos, etc) aqui Manuel Sérgio aplica a teoria quântica e utiliza-se de sistemas não-lineares para compreender o Homem em Movimento. Isto nos parece ser um grande salto (qualitativamente falando) na busca da transcendência humana. Aqui nos confessamos otimistas pois entendemos que a razão de toda ciência é a eterna busca da superação de nossas carências e limitações. Para termos o entendimento da totalidade de uma área qualquer do conhecimento humano é inevitável que devamos fazer uma leitura processual da mesma. Parlebás não concretiza sua intenção, uma vez que com a "Pedagogia das Condutas Motrizes" só estabelece relações lineares de primeira ordem, onde nem mecanismos retro-alimentadores são considerados. Mais uma vez a Motricidade Humana de Manuel Sérgio se mostra mais abrangente pois oferece espaços para relações não-lineares de várias ordens, onde sistemas integrativos estão em permanentes processos retro-alimentadores.

À primeira vista este trabalho parece tomar o partido da "Motricidade Humana" em detrimento da "Pedagogia das Condutas Motrizes"; nada mais enganoso; o que procuramos elucidar é que em nosso modo de entender a "Motricidade Humana" possui mais flexibilidade; porém reconhecemos que a mesma (talvez pelo fato de ser tão abrangente) ainda tem muitos pontos obscuros que precisam ser estudados com mais profundidade.

trário, o universo (e nele nos incluímos, é óbvio) é "incoerente", "desordenado" (entrópico) e em permanente "desarmonia". Esfarela-se assim a "Pedagogia das Condutas Motrizes" de Pierre Parlebás. Seu pecado?! Querer "odernar" o "inordenável"!

O homem, enquanto "ser-no-mundo", enquanto ser que é, no "instante-já", que lhe escapa e já faz parte de sua história, este sim, é o homem em transcendência que Manuel Sérgio identifica e lança uma luz que por hora ilumina a Educação Física, dando-lhe a derradeira oportunidade de se afirmar enquanto ciência.

É esta oportunidade é concretamente justificada pela transcendência, aqui entendida como relação não-linear que não pressupõe unidade ou identidade dos seus termos, mas que garante entre estes e a relação, a alteridade (o ser outro, o colocar-se ou construir-se como outro). Vivemos a gênese da Educação Física enquanto ciência. Fazemos parte de um processo que se nos mostra complexo, difícil e à primeira vista incompreensível. Precisamos, para entendê-lo, romper definitivamente com abordagens cartesianas na Educação Física. Novos olhos para novas visões! Só assim chegaremos mais longe.

BIBLIOGRAFIA

Abbagnano, N. - Dicionário de Filosofia - Ed. Mestre Jov.-1982.

Bronowski, J.- Ciência e Valores Humanos - EDUSP - 1979.

Capra, Fritjof- O Ponto de Mutação - Cultrix - 1987.

Crutchfield, J.; Packard, N; Shaw, R. - Chaos - in Scientific American - v.255 (6), December, 1986.

Epstein, Isac - Revoluções Científicas - Ed. Ática - 1988.

Feyerabend, Paul - Contra o Método - Ed. Francisco Alves- 1988.

Gleick, James - CAOS - A Criação de uma Nova Ciência - Ed. Campus, 1990.

Kant, Imanuel - Crítica da Razão Pura - 2ª Ed. - Os Pensadores- 1974.

Kuhn, Thomas - A Estrutura das Revoluções Científicas - Ed. Perspectivas - 1982.

Losee, John - Introdução Histórica à Filosofia da Ciência-Edusp- 1979.

Parlebás, Pierre - Texto: "Perpectivas Para Uma Educacion Física Moderna"- Cuadernos Tecnicos Unisport Andalucia - 1987.

Poincaré, Henri - A Ciência e a Hipótese - UNB - 1984.

Popper, Karl - La Lógica de la Investigación Científica.

Sérgio, Manuel - "Para uma Epistemologia da Motricidade Humana"- Editora Compendiun - 1988.

Sérgio, Manuel - "Filosofia das Actividades Corporais" - Ed.
Compendiun, 1988.